

Apresentação do colóquio "Famílias e meios sociais: os espaços e os tempos da diversidade"*

Karin Wall**

Para apresentar, resumidamente, o colóquio "Famílias e contextos sociais: os espaços e os tempos da diversidade", analisaremos dois pontos principais:

1. Em primeiro lugar, passaremos em revista as comunicações apresentadas.
2. Em segundo lugar, tentaremos isolar algumas tendências do colóquio no domínio da análise sociológica da família, assim como algumas questões levantadas ou deixadas em aberto pelos debates.

1. As comunicações agruparam-se em torno de cinco temas principais:
 - Casamento, divórcio e recomposição familiar
 - Os modelos familiares na Europa e nos países desenvolvidos
 - As formas familiares em diversos contextos sociais
 - As relações intergeracionais
 - Questões teóricas e metodológicas.

No âmbito do primeiro tema - Casamento, divórcio, recomposição familiar - Michel Bozon analisou as alterações produzidas no ritual de casamento em França, a partir da pesquisa sobre a formação dos casais realizada pelo Institut National d'Etudes Démographiques (INED). Definiu três tipos principais de organização ritual do casamento na sociedade francesa contemporânea: primeiro, um tipo tradicional estrito. Segundo, um tipo desritualizado dentro do qual o casamento diz respeito antes de mais a coabitantes. Neste último, a

* Este texto retoma uma comunicação apresentada nas 3èmes Rencontres Annuelles sur la Famille du Groupement de Recherche en Sociologie de la Famille, em Maio de 1991: tradução de Catarina Alves Costa. Este colóquio teve lugar no ISCTE, nos dias 10, 11 e 12 de Abril de 1991. Foi organizado pelo Grupo de Estudos de Sociologia da Família (GREF)/CIES, em colaboração com o Comité Famille da Association Internationale des Sociologues de Langue Française (AISLF). Fazem parte do GREF: Ana Nunes de Almeida, Anália Torres, Maria das Dores Guerreiro, Karin Wall. O colóquio teve o apoio da Associação Portuguesa de Sociologia, do Instituto de Ciências Sociais, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, do INIC, da JNICT e da Fundação Calouste Gulbenkian. As actas do colóquio estão em vias de publicação.

** Docente do ISCTE, investigadora no CIES e no ICS.

celebração é modesta e mais centrada nos cônjuges do que nas suas famílias e comunidades de origem. Terceiro, um estilo conformista que manifesta uma adesão ao ritual social do casamento apesar da conjugalidade se fundar na união de facto. O grupo dos agricultores é o bastião do tradicionalismo ritual; as fracções intelectuais das classes superiores e os empregados contam o maior número de adeptos do casamento desritualizado; os quadros do sector privado e os operários seguem mais o modelo conformista.

Dentro do mesmo tema, Maria das Dores Guerreiro, na sua comunicação intitulada "Empresa e casamento", procurou pôr em evidência, tendo como base genealogias familiares e trajectórias de vida, as implicações mútuas das estratégias familiares e das estratégias da empresa entre os pequenos empresários portugueses. Constatou a existência de "empresas clãs" que permitem a um vasto círculo de parentes encontrar no seu interior um meio de sobrevivência, e que se ligam, pelos laços de parentesco, a uma importante rede de actividades industriais e comerciais.

João Pina Cabral e Nelson Lourenço falaram-nos das relações inter-étnicas em Macau. Mostraram que a construção da identidade étnica "macaense" depende não somente das relações entre a sociedade chinesa e a sociedade portuguesa mas também da dinâmica de relações entre os sexos.

Marie France Valetas centrou-se no problema da evicção do nome da mulher em França, procurando encontrar espaços de ruptura nas atitudes face à prática patronímica. Entre outros factos, constatou que 55% das pessoas interrogadas pensam ser preferível que a mulher mantenha o seu nome de nascença depois do casamento. Constatou também que, tanto entre os homens como entre as mulheres, é no quadro do casamento que a adesão à prática patronímica é mais forte; e que, qualquer que seja o seu estatuto matrimonial ou a sua situação conjugal, as mulheres mais jovens tendem a aderir mais fortemente ao sistema patronímico que as mais velhas.

Arlette Gautier falou-nos das famílias monoparentais em Guadalupe. Constatou que a monoparentalidade se encontra aqui no quadro das classes populares desfavorecidas e é vivida de modo distinto na cidade e no campo; no meio rural, as mães com filhos de vários pais são mais numerosas. Para Arlette Gautier, isto explica-se pela falta de difusão da contracepção e pelas dificuldades de inserção profissional masculina.

Maria das Mercês Covas apresentou alguns indicadores da evolução dos comportamentos demográficos em Portugal durante os últimos trinta anos. Mostrou que a evolução da nupcialidade e da natalidade foi lenta e desigual segundo os distritos, e que as transformações mais importantes ocorreram nos anos 80.

Uma outra comunicação sobre Portugal, a de Nelson Lourenço, analisou a assimetria dos papéis dos cônjuges no meio rural. Nelson Lourenço encontrou trajectórias profissionais sexualmente diferenciadas: a mulher mais ligada à terra, o homem ao trabalho assalariado na indústria.

Ainda dentro do primeiro tema, Anália Torres apresentou uma pesquisa sobre as formas de ruptura conjugal, distinguindo três grandes grupos de divorciados: o "divórcio-desamor" em que os entrevistados consideram o divórcio como tendo na sua origem um problema de relação; o "divórcio-culpa do outro" em que os entrevistados apontam os defeitos e as faltas do outro para justificar o processo de ruptura; e o "divórcio-fatalidade" em que os entrevistados consideram a ruptura conjugal como inesperada e como não podendo ser explicada senão pela intervenção de forças sobrenaturais ou pelo destino. Conclui que o divórcio é uma experiência vivida de modos diferenciados.

As três últimas comunicações ligadas a este tema trataram o problema da recomposição familiar. Catherine Villeneuve-Gokalp apresentou uma comunicação sobre "Os filhos da separação: meio familiar e relações com os parentes ausentes". Analisando a pesquisa sobre as "Situações familiares" realizada pelo INED em 1985, constatou, entre outros factos, que as relações estreitas com uma madrasta, os seus filhos, ou os meio-irmãos vivendo numa outra casa, são pouco frequentes. A investigação mostra também que as relações com o parente ausente enfraquecem progressivamente com o tempo: quando a separação se deu há mais de três anos, somente uma em três crianças encontra o pai várias vezes ao mês.

Claude Martin apresentou uma pesquisa exploratória sobre os processos de recomposição familiar e sua relação com o recurso ao direito e seu uso. Evidenciou duas atitudes principais a respeito do direito: nas famílias recompostas em que prima uma lógica de perenidade, os actores estão menos inclinados a recorrer ao direito e a sentir a sua falta. Esta lógica é mais frequente em meios fortemente dotados em capital sócio-cultural. Nas famílias recompostas em que prima uma lógica de substituição (centrada no apagamento da antiga família), os actores tendem não só a recorrer ao direito como a sentir a sua falta. Esta atitude é mais frequente em meios sociais pouco dotados em capital cultural.

Finalmente, Didier La Gall procurou entender como se elaboram os contornos do papel do padrasto ou madrasta. Dois grandes modelos deste papel parecem emergir: o primeiro sobrepõe-se ao papel parental de mesmo; o segundo elabora-se enquanto papel inédito em que se procura não tanto reproduzir mas antes compôr um novo papel.

O segundo tema - Modelos familiares na Europa e nos países desenvolvidos em geral - foi tratado por duas comunicações: a de Louis Roussel e a de Marie Agnès Barrère-Maurisson e Olivier Marchand. Louis Roussel procurou ver se na Europa há uma maior tendência para a divergência ou para a convergência dos modelos familiares. Saliendo a disparidade que existe actualmente entre, por exemplo, a taxa de fecundidade da Europa do Sul e a da Europa do Norte, Louis Roussel pensa no entanto que caminhamos para uma normalização progressiva do "desejável" familiar na Europa.

Marie Agnès Barrère-Maurisson e Olivier Marchand centraram-se no problema da gestão do doméstico nos países desenvolvidos, procurando ver se

esta depende antes de mais da família ou, pelo contrário, dos serviços. Para analisar esta questão, baseiam-se em 15 países desenvolvidos, na aproximação sistemática de duas séries estatísticas, sendo uma relacionada com a família e a outra com o mercado de trabalho. Os autores propõem dois quadros de oposições para caracterizar a gestão do doméstico: primeiro, um quadro de oposição Norte-Sul em que os países da Europa do Sul se opõem aos da Europa do Norte. Nestes últimos, toda a vida social, incluindo os serviços públicos, se organiza em torno da gestão do doméstico. Nos primeiros, e a Espanha é tomada como exemplo, a família extensa é o lugar privilegiado da gestão do doméstico, o que se deve a uma convergência entre a falta de emprego real das mulheres e a falta de estruturas de acolhimento e de um mercado de serviços. O segundo quadro de oposição é entre o Este e o Oeste: no Este, onde predominam a grande indústria, a reduzida rotação dos empregos e as famílias com um só elemento activo, é no âmbito da família restrita que se regula a questão do doméstico. No Oeste, onde o terciário está mais desenvolvido, onde a mobilidade externa é incentivada em termos de gestão do emprego e o tipo dominante de família comporta dois activos, a gestão do doméstico é largamente assegurada pelo Estado ou, em todo o caso, por instâncias públicas. Os serviços estão também muito desenvolvidos.

O terceiro tema - formas familiares em diversos meios sociais - tratou o grupo familiar em quatro contextos diferentes: a sociedade rural, o meio operário, a sociedade romena e a venezuelana. José Sobral apresentou uma análise da formação das classes sociais numa aldeia rural do centro de Portugal. O seu trabalho procura ver como é que as diferentes posições de classe são produzidas e reproduzidas na família através de diferentes modos de conceber a transmissão material e simbólica. Elizabeth Handman, relacionando contexto rural, práticas familiares e estatuto da mulher, salientou as diferentes formas de herança e os estatutos femininos diferenciados em duas aldeias do meio rural grego. Karin Wall pôs em evidência, na sociedade rural do norte de Portugal dos anos cinquenta, uma pluralidade de formas familiares: uma primeira, característica dos camponeses ricos, tem por objectivo fundamental a solidariedade patrimonial, e a instituição da "casa" associa-se à família troncal. Uma segunda, característica dos camponeses pobres, tem por objectivo da união familiar a entreajuda e a maximização das energias do trabalho, predominando a família simples. A terceira, associada aos proletários agrícolas e denominada "desobrigada", caracteriza-se pelo menor acento no familialismo e por uma maior variabilidade das formas de residência e organização doméstica.

Ana Nunes de Almeida apresentou os resultados do seu estudo sobre as famílias operárias de uma comunidade industrial do Sul de Portugal - o Barreiro. Mostra como, num mesmo espaço industrial, podem emergir dois tipos de família operária: um primeiro - a família dos operários da cortiça - constitui uma família operária parcial em que um dos cônjuges pode não ser operário; um segundo - a dos operários metalúrgicos - constitui uma família operária pura em que ambos os cônjuges trabalham na fábrica.

A comunicação de Smaranda Mezei tratou o tema da família e do poder na Roménia. Mezei confrontou os meios utilizados pelo poder para controlar a família com as respectivas respostas por parte das famílias romenas. A autora considera as estratégias familiares como um meio de sobrevivência; a família é o espaço privilegiado para os contactos sociais, um espaço-refúgio para o indivíduo face à pressão do meio social e político.

Finalmente, Marielsa Lopez apresentou o seu projecto de investigação sobre "Famílias e mobilidade social" na Venezuela. A autora considera as histórias de família como um instrumento de observação fundamental no estudo das relações entre família e mobilidade num período de intensa mudança social.

Um quarto tema desenvolvido pelos participantes deste colóquio foi o das relações intergeracionais. Jean Kellerhals apresentou os resultados da sua pesquisa sobre os tipos educativos das famílias. O inquérito englobou 309 famílias que educavam adolescentes e evidenciou três grandes tipos educativos: um tipo estatutário em que é enfatizada a acomodação e a disciplina, mais do que a cooperação e o estímulo extra-escolar; um tipo maternalista em que também é enfatizada a acomodação e a autoridade coerciva mas que insiste mais fortemente na cooperação, na comunicação e nas actividades comuns entre pais e filhos; finalmente, um tipo contratualista em que é enfatizada a auto-regulação e a sensibilidade, onde as técnicas se baseiam mais na relação e na empatia do que no controlo. Esta pesquisa evidencia determinações tanto estruturais como relacionais: assim, o tipo educativo depende fortemente do tipo de interacção e do estatuto social da família.

Bernardette Bawin apresentou uma pesquisa ainda em curso sobre as relações entre avós e netos. Partindo de uma tipologia que joga com dois grandes tipos de avós - os avós "substitutos educativos" por um lado, e os avós "transmissores", por outro - Bernardette Bawin interroga-se acerca da produção social da permanência ou da ruptura intergeracional. Como hipótese de trabalho, identifica factores de ruptura, tal como a mobilidade social ascendente, assim como factores de continuidade, tais como a transmissão e a transferência de objectos e saberes, o ambiente, os ritos e os mitos familiares.

A comunicação de Françoise Bloch, Monique Buisson e Jean Claude Mermet teve por título "Afastar-se ou aproximar-se: o lugar de residência, questão-chave nas relações intergeracionais". Partindo de um estudo de caso - a escolha do lugar de residência de uma família -, os investigadores analisam as dinâmicas em funcionamento nas relações intergeracionais. Mostram que a escolha do lugar de residência deve ser relacionada não só com lógicas utilitárias e individualistas mas também com lógicas de preservação ou destruição das relações de sociabilidade entre gerações. Isto significa que há que relacionar a escolha da residência com as relações entre as respectivas linhagens e com a questão da apropriação das heranças simbólicas e materiais recebidas das duas linhagens.

Esta comunicação, tal como a da Bernardette Bawin, permitiu pôr a descoberto que as relações familiares se inscrevem numa sociabilidade e historicidade familiares que colocam em jogo as heranças simbólicas e materiais de várias linhagens.

Inscrevendo-se também numa perspectiva que pretende reter os efeitos de um "habitus" integrado ao longo de uma história de família, Jean-François Guillaume apresentou um projecto de investigação sobre a construção de identidade socio-cultural dos jovens adultos. Propõe-se apreendê-la servindo-se de um instrumento de análise principal: os projectos familiares e profissionais de futuro dos jovens adultos. Pretende assim analisar as representações do tempo e dos espaços domésticos. Propõe também relacionar esses projectos com os itinerários percorridos, tanto pelo próprio jovem como pela geração precedente, procurando assim articular os processos de construção de identidade com as condições sociais da sua produção.

O último tema de trabalho abordado foi o das questões teóricas ou metodológicas. Na sua comunicação sobre "As genealogias familiares e as histórias de família", Daniel Bertaux defendeu aproximações capazes de captar cada caso particular na sua especificidade, antes de se tentar alcançar outros níveis de generalização. Neste contexto, propôs um instrumento de observação: o método das genealogias sociais comparadas, acompanhadas de histórias de família recolhidas por entrevista narrativa. Para Daniel Bertaux, as genealogias de três gerações são um instrumento privilegiado para analisar certos processos sociais: as estratégias das famílias e seus efeitos na longa duração, os processos de transmissão entre gerações, as relações entre família e mobilidade social, as relações entre o micro e o macro-social.

Na sua comunicação acerca da utilização das classes sociais em sociologia da família, François de Singly defendeu uma abordagem da família que dê maior importância aos fenómenos de interacção. Para François de Singly, há fenómenos da ordem da interacção que não relevam da ordem das estruturas sociais. Nesta perspectiva, devem estudar-se as interacções familiares enquanto fenómeno autónomo "sem procurar o estrutural na interacção".

A última comunicação dentro do mesmo tema foi a de João Arriscado Nunes, intitulada "A família: instituição, contexto, prática". Tomando como ponto de partida o método de Goffman e de Sigmund, Arriscado Nunes defende que as práticas sociais que produzem e reproduzem a vida familiar são observáveis nas interacções. Propõe as interacções familiares como unidade de observação e considera importante ter em conta três ordens do social: a da organização, a da interacção e a da semiótica.

Tratou-se até aqui o primeiro ponto da nossa exposição, relacionado com as comunicações e os resultados das pesquisas apresentadas. Iremos em seguida definir tendências da análise sociológica da família apresentadas neste colóquio e referir algumas questões levantadas ou deixadas em aberto pelo debate.

2.1. Em termos do conhecimento do objecto de estudo, os debates e as pesquisas apresentadas mostraram o interesse que existe no desenvolvimento de aproximações diversificadas. Esta tendência para encorajar abordagens que possam ler a realidade familiar de diferentes modos, alargando assim o campo de análise, conduziu a algumas resoluções e advertências metodológicas:

- Em primeiro lugar, e retomamos aqui os comentários de Jean Kellerhals no final do colóquio, a abordagem em termos de redes e a abordagem em termos de "família - grupo social restrito" devem complementar-se. Trata-se de descobrir quais as redes que são pertinentes e, ao mesmo tempo, de ter em conta a variabilidade da rede de parentes na construção social do grupo doméstico;
- Em segundo lugar, referiu-se o interesse da introdução do *tempo* na análise da família, assim do desenvolvimento de uma análise dinâmica que permita uma leitura da família no seu movimento e na sua história. A esta questão liga-se uma outra: a do "como fazer" para analisar o movimento familiar. As pesquisas e o debate sugerem diferentes pistas de trabalho: trabalhar seguindo a pista dos mitos e projectos, trabalhar com genealogias e histórias de família, introduzir o conceito de "trajectória" no lugar dos de categoria ou posição;
- Em terceiro lugar, referiu-se o interesse em abordar tanto a análise da tendência como a análise do desvio. Evidenciar o predominante e estabelecer tipologias não é mais do que um momento de análise. A este se deve juntar a explicação, entrando na análise dos processos sociais que fundam os tipos e as articulações pertinentes;
- Uma outra referência metodológica foi a que partiu da interrogação acerca das potencialidades e limites dos métodos qualitativos. Os debates sugerem que seria interessante combinar diferentes técnicas: as genealogias e as histórias de vida, a entrevista e a observação participante;
- O último ponto metodológico centrou-se na ideia de que se deve reconhecer o interesse em atingir o âmago do micro-social, sem no entanto esquecer o seu enquadramento e contextualização. Convém relacionar cena e actores, não pondo de lado a explicação contextual.

Finalmente gostaríamos de referir algumas questões que ficaram pendentes nos debates:

- Tendemos actualmente para uma homogeneização dos modelos familiares na Europa? Que hipóteses estabelecer no que diz respeito aos comportamentos familiares na Europa do Sul?
- Poderemos falar de uma *difusão* dos comportamentos familiares "modernos" por toda a sociedade? Ou será que a apropriação de novos comportamentos recobre a persistência de lógicas familiares diferenciadas?
- Uma análise que articule classes sociais e formas familiares será operativa, e quais os seus limites? Como explicar que existam, numa mesma

classe social, formas familiares divergentes? Devem pôr-se em causa conceitos tais como os de família operária ou de família rural? Ou deve trabalhar-se, para casos específicos, os processos que articulam o social e o familiar?

- O que é que origina a permanência e a ruptura das trocas intergeracionais?
- Como se produzem as lógicas que governam a vida familiar? Salientámos diferentes lógicas no decurso do colóquio: uma lógica de maximização dos recursos, uma lógica da "casa", uma lógica do poder. No entanto, os elementos destas lógicas de identidade familiar não são inteiramente conhecidos.
- Quais são, num dado contexto social e histórico, as regras de jogo da concorrência social entre famílias?
- Dado que vivemos num contexto de abertura social, como explicar que o estilo estatutário de educação seja tão predominante?
- E, para terminar, uma última interrogação que subsiste: como desenvolver, em sociologia da família, a pesquisa de processos explicativos, a vontade de reencontrar a complexidade das situações?